

Vida Religiosa Consagrada no Protestantismo Brasileiro(*)

Martin Dreher

I — INTRODUÇÃO

Com a Reforma do século XVI surge, no seio do protestantismo, uma grande crise para aquilo que denominamos de vida religiosa consagrada. A experiência da justificação, feita por Lutero e que está intimamente relacionada com a mística cristocêntrica cultivada nos conventos, passou a ser vista como sendo dirigida a toda a comunidade cristã. Como o próprio Lutero derivasse sua eclesiológia do cristianismo primitivo, não conseguiu mais ver na vida conventual consagrada um valor específico. A partir daí é compreensível que, nos territórios protestantes, a doutrina da justificação por graça e fé somente levasse à eliminação dos conventos. No escrito "De votis monasticis"(1521), Lutero declarou nulos os votos monásticos por serem, em sua opinião, contrários a Romanos 14.23.

Outro foi o posicionamento de Lutero frente às fraternidades. É conhecido seu apreço em relação aos Irmãos da Vida Comum: "Se tudo estivesse tão bem como nas casas de irmãos, a Igreja já seria muito bem-aventurada nessa vida." Mesmo assim, Lutero não foi levado a incentivar a criação de fraternidades ou irmandades. Foram somente os tempos modernos com suas profundas transformações sociais que levaram ao surgimento de muitas comunidades semelhantes às ordens religiosas católico-romanas. Desde meados do século XIX, a Inglaterra anglicana experimentou um reavivamento da vida religiosa com o surgimento de inúmeros mosteiros masculinos e femininos. Posteriormente, a Alemanha protestante vai vivenciar o surgimento das Ordens de Diaconisas. No século XX surgirão na Alemanha e na Escandinávia, aqui principalmente devido ao empenho de Nathan Söderblom, o pai do

(*) O presente trabalho não pretende ser um estudo científico exaustivo da temática abordada, mas apresentar um primeiro aporte para um estudo maior. Seu autor agradece especialmente às irmãs Magda Maier e Gisela Beulke pelas informações fornecidas e que possibilitaram, praticamente, a redação a seis mãos do presente artigo.

movimento ecumênico, diversas ordens (Ordem de Birgita, Ordo Crucis, Oratório Teológico, Irmandade de Ansgar). Mas foi principalmente a catástrofe da II Guerra Mundial que levou ao surgimento de ordens, nas quais foram assumidos os Conselhos Evangélicos da Igreja Antiga. A caracterização desse movimento com a designação de “ordens evangélicas” ou de “ordens protestantes” é dúbia, pois não aspiram nem à vida monacal nem à vida conventual. O que buscam é uma nova forma de apostolado em um mundo dominado pela técnica da máquina e do trabalho em indústrias. Esse aspecto faz com que se aproximem mais dos “institutos seculares” da Igreja Católica Romana ou de seus “Irmãosinhos de Jesus”. Na França e na Suíça adotam a designação “Communauté”, na Inglaterra e no mundo de fala inglesa denominam-se de “Community”. A mais importante dessas comunidades é a Communauté de Taizé-les-Cluny, na Burgúndia, fundada em 1947 por seu atual Prior, Roger Schütz. Nos Alpes italianos encontramos a Comunità di Agape, proveniente de tradição valdense. Na Alemanha, na localidade de Darmstadt, surgiu a Irmandade de Maria, que tem como objetivo expiar ativamente os horrores praticados pelos alemães em relação ao povo de Israel.

No seio do protestantismo brasileiro, encontramos diversas irmandades femininas, tais como as Diaconisas Luteranas, ligadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, as Irmãs de Marburgo, ligadas à Igreja do Cristianismo Decidido, as Diaconisas Metodistas, ligadas à Igreja Metodista do Brasil, e a Irmandade de Maria, ramo brasileiro da Casa Matriz de Darmstadt. Dentre as fraternidades masculinas só nos é conhecida a existência da Comunidade de Taizé, cuja sede se encontra em Alagoinhas/BA. No presente ensaio limitar-nos-emos a apresentar as Diaconisas Luteranas.

II — A MULHER E A IGREJA PROTESTANTE NA EUROPA CENTRAL NO SÉCULO XIX

O século XIX é, em muitos sentidos, determinante para a alteração havida no papel e no lugar da mulher na sociedade. Essa alteração foi provocada pelo rápido desenvolvimento da industrialização. O trabalho produtivo da mulher foi transferido do lar para a indústria. A redistribuição do trabalho, necessária para a socie-

dade, ocorreu de maneira desordenada e fez com que também a mulher burguesa perdesse funções que lhe eram até então peculiares. Também estas funções passaram a ser parte da indústria. Temos, assim, de um lado, a mulher proletária com sua longa jornada de trabalho, a qual ainda divide com seus filhos menores. Muitas vezes o subproduto da situação específica desta mulher é o menor abandonado, vagando pelas ruas dos centros industriais. Ao lado e abaixo da mulher proletária temos a mulher prostituta e a mulher presidiária, ambas entregues a um mundo dominado por homens. À ex-presidiária e à prostituta cabem na "nova" sociedade que se organiza, no máximo, a função de "zelar" por hospitais, focos permanentes de epidemias. Por outro lado temos a mulher burguesa. Quando assume função fora do lar, pode ser professora, sem, no entanto, receber honorários por sua atividade, pois tal seria indigno de sua posição social. Basicamente é a prisioneira do lar, onde fica a espera de um pretendente, enquanto prepara seu crochê. A mulher solteira está marginalizada, definitivamente, é a "titia".

As conseqüências da industrialização acelerada, fome, empobrecimento, abandono, alcoolismo e prostituição, foram vistas pelo Estado e pelos líderes eclesiásticos como "delitos morais". A miséria extrema e a exploração fizeram surgir, entre as mulheres de toda a Europa, movimentos que procuravam por soluções comuns para a transformação da situação da mulher. Estes movimentos foram alvo de violentas críticas também no seio das igrejas. Conhecidas são as palavras de Florence Nightingale em relação à Igreja Anglicana: "Queria dar-lhe minha cabeça, minhas mãos, meu coração. Ela, no entanto, não os queria. Não sabia o que fazer com eles. Aconselhou-me a voltar novamente para casa e a ocupar-me com crochê na sala-de-estar de minha mãe. Podes dirigir a escola dominical, caso quiseses, disse-me ela. Porém, nem ao menos para isso deu-me orientação. Ela não me proporcionou uma tarefa nem instrução." A Igreja só conhecia a mulher no matrimônio. Para as "caídas" eram construídos asilos. A mulher recebia proteção, mas não lhe era concedida liberdade. Os problemas surgidos para a estrutura familiar não foram compreendidos pela teologia e pela filosofia, mesmo após Marx e Engels haverem apontado para o significado político das mudanças que estavam ocorrendo (1848). Filosoficamente, a imagem que se tinha da mulher estava determinada pelas colocações de Kant, de Fichte e,

mais ainda, pelas colocações de Friedrich Schiller, cuja poesia “Das Lied von der Glocke”, estudada nas escolas, determinou por gerações a visão burguesa, segundo a qual tão somente ao homem cabia a função pública, à mulher, por seu turno, cabia organizar a harmonia interna do lar ideal:

“Der Mann muss hinaus,
Ins feindliche Leben,
Muss wirken und streben
Und pflanzen und schaffen,
Erlisten, erraffen,
Muss wetten und wagen
Das Glück zu erjagen.
Das strömet herbei die unendliche Gabe,
Es füllt sich der Speicher mit köstlicher Gabe,
Die Räume wachsen, es dehnt sich das Haus.
Und drinnen waltet
Die züchtige Hausfrau,
Die Mutter der Kinder
Und herrschet weise
Im häuslichen Kreise,
Und lehret die Mädchen
Und wehret den Knaben,
Und reget ohn Ende
Die fleissigen Hände,
Und mehrt den Gewinn
Mit ordnendem Sinn,
Und füllet mit Schätzen die duftenden Laden,
Und dreht um die schnurrende Spindel den Faden,
Die schimmernde Wolle, den schneeigten Lein,
Und füget zum Guten den Glanz und den Schimmer,
Und ruhet nimmer.”

“O homem precisa sair,
Para a vida adversa,
Tem que atuar e esforçar-se,
Plantar e criar,
Obter sucesso e ajuntar,
Deve apostar e arriscar,
Para alcançar a felicidade.
Afluem então dádivas sem fim,
Enche-se o celeiro com bens preciosos,
Aumentam os cômodos, a casa se amplia.
Dentro (da casa) atua
A mulher recatada,
a mãe das crianças,
Sabidamente governa,
No âmbito caseiro.
E ensina as meninas
E admoesta os rapazes
E move sem parar
As mãos laboriosas,
E aumenta o ganho
Com senso de organização,
E enche de tesouros as janelas perfumadas
E a rãca rangente tece o fio,
A lã brilhante e o linho branco como a neve
E acrescenta as posses o brilho e a proteção
Sem jamais descansar.”

Na área da Teologia e da Igreja a situação não era muito diferente. Ali, a visão idealista de Schiller é reproduzida na interpretação idealista de Provérbios 31.10-31. Dentre os teólogos, Friedrich Schleiermacher é um dos poucos a acentuar que homem e mulher são criaturas de Deus em igualdade de direitos. No mais, a teologia está influenciada pelas idéias do Romantismo e não foge às colocações de Fichte ou de Schiller. Uma mudança relativa, quanto ao lugar da mulher na vida das igrejas protestantes, vai surgir com o surgimento e posterior desenvolvimento da diaconia feminina, propiciada por homens como Fliedner, Wichern e Löhe. Esta diaconia feminina vai propiciar também uma mudança na valorização do trabalho feminino de parte da Igreja. É verdade que o trabalho feminino vai ser visto como diaconia e como tal é que vai

ser valorizado pela Igreja. No mais, a Igreja nunca soube valorizar significativamente o trabalho da mulher fora desta atividade. Em seus pronunciamentos, continuou a acentuar o papel da mulher como esposa e mãe, permanecendo no estreito posicionamento das cartas pastorais, das quais a Primeira Epístola a Timóteo é exemplo contundente. As liberdades conquistadas pelas mulheres em tempos presentes não se devem à Igreja.

Flidner, Wichern e Löhe procuraram recriar o ministério da diaconisa a partir do ministério feminino da Igreja Primitiva. É verdade que os condicionamentos do século XIX não lhes permitiram ver o ministério feminino na amplitude da Igreja Primitiva. Mesmo assim, sua redescoberta do ministério feminino possibilitou que jovens mulheres de famílias de artesãos, de agricultores e de famílias burguesas, empobrecidas em virtude da industrialização, assumissem funções, nas quais pudessem desenvolver suas capacidades e assumir responsabilidades, mesmo sendo solteiras. Como diaconisas, **mulheres** podiam enfrentar a miséria, surgida com as mudanças econômicas e sociais, trazendo as mais diferentes formas de auxílio. E mais, tornavam-se parceiras de homens.

III — A OBRA DE THEODOR E FRIEDRIKE FLIEDNER

Em 1822, o jovem pastor evangélico Theodor Flidner tornou-se pastor em Kaiserswerth e viu-se confrontado com a miséria na qual seus paroquianos estavam envolvidos. A pequena diáspora evangélica sofria as conseqüências da falência da fábrica de produtos têxteis da localidade. A congregação não tinha as condições necessárias para manter o pastor e mesmo os superiores deste pensavam em designá-lo para outra localidade. Flidner resolve, então, não abandonar seu povo e buscar em outra parte as condições necessárias para a manutenção do pastorado. Viaja pela Renânia, pela Holanda e Inglaterra, coletando recursos para seu trabalho em Kaiserswerth. Nessa viagem, Flidner vai receber impulsos decisivos para uma reforma da vida da Igreja, do sistema escolar, do atendimento à mendicância e do sistema penitenciário. Na Holanda entra em contato com ordens religiosas femininas da Igreja Católica Romana e fica conhecendo entre os Menonitas a atividade de diaconisas. Na Inglaterra, vai conhecer a atividade da quacre Elisabeth Fry.

Elisabeth Fry, mãe de 11 crianças, visitara, em 1813, o presídio feminino de Newgate, desenvolvendo, desde então, uma tenaz luta em prol da mulher presidiária. Este mesmo presídio feminino foi visitado por Fliedner em maio de 1824. Vendo os resultados da atividade de Elisabeth Fry, chega a convicção de que “a piedade feminina possui enormes poderes para a edificação do Reino de Deus, desde que receba espaço livre para desenvolvê-los”. Voltando a Kaiserswerth vai visitar o presídio feminino de Düsseldorf, onde prega, pela primeira vez, em outubro de 1825. Cria, então, uma associação que vai se ocupar com a pastoral penitenciária. Não pára aí. Sai em busca de colaboradoras femininas, semelhantes a Elisabeth Fry. Encontra a primeira colaboradora na pessoa de Friederike Münster, cuja família, no entanto, se volta contra a idéia: é impossível que a mulher solteira, proveniente de meios burgueses, se dedique a miseráveis. Fliedner casa-se com Friederike, tirando, assim, as preocupações da família: agora não há mais problemas, pois será a mulher casada, a esposa do pastor, que se dedicará aos abandonados. Nesse matrimônio vai ser discutida a renovação do ministério apostólico das diaconisas. Nestas reflexões são importantes os impulsos que vêm da obra de Vicente de Paula. Em 1832, Fliedner viaja novamente para a Inglaterra. Nessa oportunidade, Elisabeth Fry lhe sugere a criação de um asilo para a mulher ex-presidiária, marginalizada e desprezada pela sociedade e que não tem outro caminho senão o da prostituição. Friederike Fliedner é a primeira a acolher a idéia e a concretizá-la, recebendo em sua casa a primeira ex-presidiária. Convence sua amiga Catharina Goebel a auxiliá-la no novo serviço que se descortina, ainda que sob os veementes protestos da família de Catharina. Logo depois mais uma amiga viria a fazer parte do círculo, Henriette Frickenhaus, que se tornaria professora de crianças carentes e abandonadas, no pátio da casa dos Fliedner. Em breve, o casal Fliedner vai iniciar mais um campo de atividades para a diaconia feminina. Pensam que a diaconia feminina não deve se concentrar apenas em pastoral penitenciária e em asilos para ex-presidiárias. Em 1833, Theodor Fliedner vai afirmar que também os hospitais, os doentes e os orfanatos necessitam de diaconisas. Funda, então, a 13 de outubro de 1836 o primeiro Hospital de Diaconisas, o qual tem a finalidade de formar enfermeiras evangélicas. Sete dias mais tarde, a 20 de outubro de 1836, Gertrud Reichert ingressa na instituição, devendo ser considerada a

primeira diaconisa evangélica. A instituição vai passar à história com o nome de Casa Matriz de Diaconisas de Kaiserswerth. Esta Casa Matriz vai ser a célula, a partir da qual vão surgir ramificações em todo o mundo. Em 1861 já vão existir 27 Casas Matrizes de Diaconisas, contando com mais de 300 irmãs, espalhadas pela Alemanha, Egito, Estados Unidos, Turquia, Romênia, Itália, Líbano e Jerusalém. Na ordem básica da associação criada por Fliedner vamos encontrar as palavras que definem os objetivos dessa ordem feminina protestante: "O objetivo da associação é o de proporcionar auxílio à porção necessitada e sofredora da sociedade burguesa, especialmente aos pobres doentes, através de enfermeiras evangélicas, as quais exercem entre eles o ministério diaconal no sentido apostólico, tanto em hospitais quanto nas moradias dos mesmos." As diaconisas vão procurar servir (*diakoneîn*) em três sentidos; serão servas do Senhor Jesus, servas dos pobres, dos doentes e das crianças por amor a Jesus, e servas de umas para com as outras. Nesse último sentido elas vão ser denominadas de "irmãs" ("*Schwester*"). A esposa de Theodor Fliedner, Friederike Fliedner, vai se tornar a primeira superiora da Casa Matriz de Diaconisas de Kaiserswerth.

Um aspecto sem dúvida interessante e importante de ser observado é o "hábito" das diaconisas. Fliedner e sua esposa não criam um hábito especial para as diaconisas, mas dão a elas a veste tradicional da mulher burguesa. Pela primeira vez, mulheres solteiras passam a usar veste de mulher casada! A diaconisa solteira, que se compromete aos três conselhos evangélicos da pobreza, da castidade e da obediência (se bem que não no sentido do voto perpétuo!) recebe a touca da mulher burguesa casada. Com esta proteção externa ela vai realizar sua atividade diaconal. Nesse sentido, o hábito da diaconisa é também o protesto contra uma situação social que discrimina a mulher que opta por uma vida fora do matrimônio e que fora dele encontra sua vocação. Mesmo que o orientador teológico das Casas Matrizes sempre tenha permanecido um homem, um pastor, a instituição do diaconato feminino no seio das igrejas protestantes de tradição luterana ou unida foi um importante passo no sentido da emancipação feminina no seio do protestantismo.

IV — A ORDEM AUXILIADORA DE SENHORAS EVANGÉLICAS

Antes de falarmos da atividade das diaconisas evangélicas no Brasil, é necessário que mencionemos o surgimento de uma ou-

tra organização feminina, sem a qual é praticamente impossível falar-se da obra das diaconisas evangélicas no Brasil. Trata-se da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas.

Em 1899, criou-se na Alemanha, no seio das igrejas evangélicas, uma associação que recebeu o nome de "Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas na Alemanha". Sua finalidade era a de reunir mulheres evangélicas e de prepará-las, através da leitura da Bíblia, da discussão de questões pertinentes ao lar e à função pública da mulher, para sua atividade na Igreja e, conseqüentemente, no mundo, no qual esta Igreja está inserida. Por ocasião da convenção anual da Ordem Auxiliadora de Senhoras, realizada a 15 de junho de 1908, na presença da Imperatriz alemã, Augusta Vitória, por sugestão do Superintendente Geral da Igreja Evangélica na Westfália, P. Wilhelm Zöllner, foi sugerida a criação de uma "Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior". A concretização deste plano deu-se a 27 de outubro de 1908, em Berlim. Na palestra, proferida por ocasião da convenção de junho de 1908, Zöllner expôs as razões de sua sugestão. Segundo ele, seria urgente levar as bênçãos do ministério da diaconia para os alemães e descendentes de alemães no exterior. Longe da pátria de origem, estariam entregues às forças desagregadoras. Por isso, a diaconia feminina deveria ser auxílio em todas as áreas que possibilitassem a preservação da vida em família. Zöllner conta como constantemente recebe cartas da América do Sul, escritas por pastores, nas quais são solicitadas irmãs para o trabalho nas comunidades evangélicas. Pensa Zöllner que não seria viável enviar uma ou outra irmã, mas que deveria ser criada toda uma organização que estivesse por trás destas irmãs. É por isso que sugere a criação de uma Casa Matriz de Diaconisas para o Exterior. Esta Casa Matriz recrutaria irmãs na Alemanha e, posteriormente, nos campos de trabalho da América do Sul. Estas irmãs não seriam aproveitadas em campos de trabalho na Europa, mas exclusivamente na América do Sul. A Casa Matriz deve ocupar-se com "a diaconia da enfermagem, a diaconia do ensino, a diaconia da educação, a diaconia da economia doméstica; deve ocupar-se dos caídos, dos perdidos, para reerguê-los." Quando da criação da Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior, a 27 de outubro de 1908, Zöllner ainda acentuará um outro aspecto, sem o qual a atividade da diaconisa de tempo integral não poderá vingar: trata-se da diaconia de tempo parcial. Esta diaconia de tempo parcial é a diaconia realizada pe-

las senhoras, membros da congregação local, em relação a outros membros.

Na Alemanha de 1908 surgem, pois, dois objetivos a serem alcançados em relação às comunidades evangélicas na América do Sul: criar uma diaconia feminina de tempo integral e, ao lado desta, a diaconia de Ordens Auxiliadoras de Senhoras Evangélicas.

O primeiro dos objetivos é alcançado ainda em 1908 com a criação da Casa Matriz de Diaconisas de Münster, na Westfália, transferida, posteriormente, para Wittenberg, na Saxônia. Interessante é que todas as irmãs que vão ser formadas em Münster e em Wittenberg recebem a formação de parteiras. Esta formação se deve à grande miséria na qual vive a mulher na América do Sul: tem seus filhos sem assistência médica, morrendo, muitas vezes, em consequência da falta de assistência médica.

O segundo dos objetivos vai ser alcançado em 1910, quando o próprio Zöllner vem ao Brasil para resolver questões internas do Sínodo Riograndense, uma das quatro igrejas regionais luteranas então existentes no país e que mais tarde vai se integrar na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, surgida em 1949. Zöllner viaja pelas congregações luteranas e prega a criação de Ordens Auxiliadoras de Senhoras. Sua atividade teve êxito, pois, em 1985, as OASES congregavam mais de 70.000 mulheres, sendo talvez a maior organização feminina da América Latina. É verdade que já antes de 1910 há grupos de senhoras evangélicas em algumas poucas congregações luteranas. A visita de Zöllner e seu estímulo, no entanto, parecem ter sido decisivos para o desenvolvimento da OASE no Brasil.

Prevendo o que iria acontecer 28 anos mais tarde, Zöllner adquiriu, ainda em 1910, uma área de terras em São Leopoldo, onde mais tarde deveria ser instalada uma Casa Matriz de Diaconisas brasileira.

A atividade de Wilhelm Zöllner, mentor da idéia da criação da Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior, da Casa Matriz de Diaconisas para o Exterior e da Ordem Auxiliadora de Senhoras, no seio da Igreja Luterana no Brasil, merece algumas considerações. Sua atividade não é fruto do acaso, mas encontra-se no contexto de toda uma política do Império Alemão. O Império Alemão, após a queda de Bismarck, encontra-se, desde 1900, em uma

política nitidamente expansionista em relação ao Brasil. No campo internacional, a Alemanha e a Inglaterra estão em busca de mercados. No Brasil Meridional existem grandes concentrações de populações de origem germânica. É junto a elas que o Império Alemão vai agir, procurando preservá-las germânicas, julgando poder, assim, assegurar mercado para os produtos alemães e matéria prima para a indústria alemã. Para atingir os seus objetivos, o Império Alemão procurou atingir estas populações através de uma imprensa alemã, através da escola das colônias alemãs e através da Igreja Luterana. A imprensa recebeu subsídios financeiros, a escola recebeu cartilhas e professores formados na Alemanha, a Igreja receberia diaconisas e pastores. Quanto aos pastores é necessário que se diga que por uma iniciativa de Zöllner, a Igreja Territorial da Prússia criaria, em 1911, um Seminário para o Exterior, onde seriam formados os pastores para o Brasil. Comentando a realização da segunda convenção da Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior, Max Urban, pastor e editor da revista *Deutsch-Evangelisch im Auslande*, afirmaria, em 1911, que dois aspectos seriam importantes no trabalho das diaconisas no Brasil: "Preservação da fé evangélica e da etnia alemã." Esta perspectiva não deixaria de estar presente na atividade das irmãs vindas de Münster e, posteriormente, de Wittenberg. Ela também seria fonte de atritos, quando mais tarde se tomaria a decisão de criar uma Casa Matriz brasileira...

V — O TRABALHO DAS DIACONISAS NO BRASIL

No ano de 1913, a Casa Matriz de Diaconisas para o Exterior enviava o primeiro grupo de irmãs para a América do Sul. Destinavam-se elas ao Brasil, à Argentina e ao Chile. No Brasil, as duas primeiras irmãs iniciaram suas atividades em Blumenau. No ano seguinte também Porto Alegre receberia suas irmãs. Exerceriam elas suas atividades, visitando parturientes em seus lares, tendo que se embrenhar muitas vezes na mata virgem. Outras dedicar-se-iam à criança em idade pré-escolar, dirigindo jardins de infância. Quando se escrever a história da educação no Brasil, certamente ter-se-á que perguntar, se não foram estas irmãs as primeiras professoras de jardim-de-infância no país. Mais outras assumiriam atividades educadora em escolas. Posteriormente, ainda, veremos irmãs trabalhando em hospitais construídos e manti-

dos pelas Ordens Auxiliadoras de Senhoras Evangélicas brasileiras. Em 1932 já são contadas mais de 80 irmãs em diversos campos de trabalho. Entre eles são contadas as localidades de Agudo, Porto Alegre, Sinimbu, Montenegro, Hamburgo Velho, Santa Cruz do Sul, Blumenau, Garcia, Timbó e Rio de Janeiro. Interessante é de se observar que todos estes campos de trabalho não são das irmãs. O voto de pobreza faz com que a irmandade somente possua a sua Casa Matriz, seu lar, sua casa-mãe. Os campos de trabalho são de comunidades evangélicas.

Em 1938, por ocasião do Congresso da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, realizado em Santa Cruz do Sul/RS, seria tomada a decisão de criar uma Casa Matriz de Diaconisas em São Leopoldo. Esta Casa Matriz deveria formar irmãs brasileiras que atuariam em comunidades brasileiras. A decisão foi bem aceita no seio das OASES brasileiras, mas provocaria reações contrárias na Alemanha. Lá, novos ventos estavam soprando desde 1933. Contrariando as vozes que vinham da Alemanha e apoiadas pelo Presidente do Sínodo Riograndense, P. Hermann Dohms, OASE e irmãs adquirem em São Leopoldo a Chácara Scherer, na qual se encontrava localizada a sede da Sociedade de Atiradores de São Leopoldo. Reformada a casa dos atiradores, transformou-se ela na Casa Matriz de Diaconisas de São Leopoldo. As atividades desta Casa teriam início a 17 de maio de 1939, quando nela ingressaram duas candidatas brasileiras, tendo uma irmã de Wittenberg como superiora. Nela, as irmãs permaneceriam até 1954. Em 1956 foi inaugurada nova Casa, junto à qual foi instalado um ancionato, no Morro do Espelho, em São Leopoldo.

Em 1946, como conseqüência da II Guerra Mundial, foi dissolvida a Casa Matriz de Diaconisas, localizada em Wittenberg e que por longos anos enviara suas irmãs ao Brasil. As irmãs que ainda se encontravam em Wittenberg foram convidadas a se reunir à congregação de Kaiserswerth, a célula-mãe das ordens de diaconisas. Assim, desde 1948, vamos encontrar nos campos de trabalho do Brasil irmãs provenientes de Wittenberg e de Kaiserswerth, trabalhando ao lado de irmãs brasileiras oriundas da Casa Matriz de Diaconisas de São Leopoldo.

A diminuição das vocações para a vida religiosa consagrada que se faz sentir no protestantismo alemão da década de 1960, motivada em grande parte pelo acesso ao pastorado para as mulheres, fez com que desde 1965 não mais viessem irmãs de Kaisers-

werth ao Brasil. Conseqüência lógica deste fato foi também a transferência da liderança de toda a obra diaconal para lideranças brasileiras, o que veio a ocorrer em 1967. Considerável percentual das irmãs, nascidas na Alemanha, regressou a seu país de origem.

A passagem da liderança para irmãs brasileiras não deixou de ter conseqüências para o trabalho desenvolvido pelas irmãs. Até 1967 um percentual bastante elevado de irmãs estava envolvido com atividades em hospitais. A partir deste ano começam a se descortinar novas possibilidades de ação, aumentando consideravelmente a atuação na diaconia comunitária. O trabalho com crianças em áreas de maior pobreza vai merecer destaque, sendo campos iniciais desta atividade Ceilândia, junto a Brasília, e Alvorada, na área da Grande Porto Alegre. Também nas novas áreas de colonização de Rondônia, as irmãs vão se fazer presentes.

No ano de 1972 as irmãs descobrem mais um campo de atuação. Começam a se descortinar novos campos de trabalho, pois é incessante o número de pedidos por irmãs que auxiliem as comunidades luteranas na área da ação social da Igreja. A irmandade cria, então, em 1974, o Seminário Bíblico Diaconal que oferece a jovens de sexo feminino a possibilidade de instrução a nível de segundo grau, sólidos conhecimentos bíblicos e a formação como assistentes comunitárias. Após a conclusão de seu curso, as assistentes comunitárias assumem tarefas específicas em congregações luteranas.

A vida diária das irmãs está baseada na meditação e na devoção, nas quais o binômio Palavra e Sacramento, característico da espiritualidade luterana, se faz presente. Nas orações, a cada dia, são feitas intercessões pelos campos de trabalho, nos quais se encontram as demais irmãs, companheiras do ministério diaconal. Anualmente todas as irmãs se encontram em grupos de retiro, nos quais além da busca da comunhão contínua são estudadas e analisadas as atividades desenvolvidas nos campos de trabalho. Nas casas e nos campos de trabalho, a música é companheira constante das irmãs. A orientação teológica está a cargo do pastor de diaconisas, eleito pelas próprias irmãs e que tem como um de seus encargos a tarefa de visitar as irmãs em seus campos de trabalho. A Casa Matriz de Diaconisas é dirigida por uma Irmã Superiora e pelo Pastor Orientador. Atualmente são 79 as irmãs diaconisas e 41 as obreiras ativas como assistentes comunitárias.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FRICK, R. Artigo: Theodor Fliedner. In: **Die Religion in Geschichte und Gegenwart**. Vol. II, Tübingen, Mohr, 1958, col. 978-979.
- RASPE, Johannes. Diaconia no Sínodo Riograndense. In: **75 Anos de Existência do Sinodo Riograndense 1886-1961**. São Leopoldo, Sinodal, 1961, p. 37-40.
- SÄNGER, Marianne. Ordem Auxiliadora de Senhoras. In: **75 Anos de Existência do Sinodo Riograndense 1886-1961**. São Leopoldo, Sinodal, 1961, p. 41-46.
- SCHARFFENORTH, Gerta et Reichle, Erika. Artigo: Frau (Neuzeit). In: **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin, New York, Walter de Gruyter, Vol. XI, 1983, p. 443-467.
- SCHAUER, Hermann. **Frauen entdecken ihren Auftrag. Weibliche Diakonie im Wandel eines Jahrhunderts**. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1960, 252p.
- STICKER, Anna. **Theodor und Friederike Fliedner. Von den Anfängen der Frauendiakonie**. Neukirchen, Neukirchner Verlag, 1965. 186p.
- URBAN, Max. Zweite Generalversammlung der "Frauenhülfe fürs Ausland". In: Deutsch-Evangelisch (im Auslande). **Zeitschrift für die Kenntnis und Förderung der deutschen evangelischen Diaspora im Auslande**. Marburg. Ano 10, 1911, p. 140-144.
- ZÖLLNER, Wilhelm. Frauenhülfe fürs Ausland. In: Deutsch-Evangelisch (im Auslande). **Zeitschrift für die Kenntnis und Förderung der deutschen evangelischen Diaspora im Auslande**. Marburg. Ano 8, 1909, p.101-107.